

Os «Amigos de Braga» de Alfredo Pimenta

Não é agora o momento, ao completar-se o centésimo aniversário de Alfredo Pimenta, de dar início a qualquer guerrilha a que, por nomenclatura, se chamará de polémica. Já fui acusado disso e doeu-me a acusação quando evoquei meu Mestre e meu Amigo, apenas pelo simples gosto de o evocar e de o lembrar ou relembrar. A ver se não caio no feio pecado que me foi imputado, evocarei aqui um grupo que teve ressonância na década de quarenta e seguintes e do qual eu viria, pessoalmente, a fazer parte: o «*Grupo dos Amigos de Braga*» a que Alfredo Pimenta muitas vezes, carinhosamente, fazia referência e que, de facto, existiu e foi uma realidade. O que era o grupo? Que elementos o constituíam? Quais os seus nomes?

Efectivamente Alfredo Pimenta foi uma figura polémica, para além do seu muito saber e até, muitas vezes, por isso mesmo. No início da década, efectivamente, ele encontra-se envolvido na resposta a algumas contestações daqueles que de boa ou de má fé lhe saíram a terreiro nos jornais da mais diversa índole e a propósito das coisas mais variadas, fúteis ou não. De trás, vinha já este pendor de não deixar passar em branco as coisas, os factos, as ideias ou as correcções históricas que tinham motivado polémica rija, essa polémica que se lhe grangeava inimigos desaçaimados, por um lado, grangeava-lhe, por outro, fidelidades ilimitadas, estas em maior número do que aqueles. De tal modo que quando fervia a polémica os seus amigos sentiam-na e vibravam com ela como se o caso fosse pessoal! Isto é certo e creio que não sofrerá desmentido... nem será considerado contestatário... Adiante.

Suponho pois que o grupo dos amigos que se viria a formar nasceu no ano de 1941 e a propósito da polémica «*Toque de Clarim*» levantada ou motivada pelo artigo, em título, de José Sebastião da Silva Dias (hoje Professor Doutor José Sebastião da Silva Dias), nas colunas do semanário «*Acção*» que o Dr. Manuel

Múrias dirigia em Lisboa e no qual colaborava, habitualmente, Alfredo Pimenta. O artigo que ele escreveu respondendo ao arrasoado de José Sebastião da Silva Dias era, evidentemente, polémico. Essa polémica em que depois se envolveu uma geração inteira, em postos evidentemente opostos. A polémica havia de processar-se por todo o verão e outono até ao momento em que Alfredo Pimenta soubera de fonte segura que os jovens que estavam a seu lado nas cartas e artigos vindos nas colunas de «*Acção*», eram preteridas e escamoteadas, em favor da presença dos seus colegas, adversários de ideias. Alfredo Pimenta inteirou-se e certificou-se disso e cessou a sua polémica e a sua colaboração no referido semanário. Anunciando que a resposta final seria dada numa conferência.

Ora é nesse fim de outono que o jornalista bracarense Manuel de Araújo organiza aquilo que suponho foi a primeira reunião dos «*Amigos de Braga*» esses amigos que com outros de Guimarães lhe ofereceram um jantar de fraterna amizade e de homenagem também amiga, como quem diz: «os de Braga estão consigo!» Quem esteve presente a esse primeiro jantar não o posso dizer concretamente. Mas posso afiançar que Manuel Alves de Oliveira, de Guimarães, foi um deles e que o Dr. Augusto César Cerqueira Gomes, de Braga, foi outro dos homenageantes. Nascera o grupo. Sem estatuto, sem actas, sem outro elemento de lembrança que não seja a memória dos então vivos e hoje, infelizmente, já quase todos na mão de Deus. Podia, a propósito deste primeiro jantar, acrescentar mais um facto, coisa que não faço para não levantar o pecado polémico, herdado de meu Mestre, do qual me poderão acusar...

Pimenta, no ano de 1941, estivera em Braga numa conferência abertamente contestária, motivada ela pela análise que da sociedade portuguesa do século passado e análise do grupo literário «*Vencidos da Vida*» o jornal «*O Século*» tinha levado a efeito. Convidado a vir a Braga fazer uma conferência, ele leria, no salão nobre do Ateneu Comercial de Braga, a célebre conferência, a que daria o título de «*Mestres do Pensamento*», que foi uma pedrada nas águas lodosas e pantanosas de então. Apresentou-o o Dr. Cerqueira Gomes e foi então que eu ouvi pela primeira vez o meu futuro Mestre e Amigo. Foi uma noite inolvidável com o salão nobre repleto e no qual se encontrava o melhor que Braga e o norte possuíam então. A conferência encontra-se publicada e, após a sua publicação, havia de suscitar nova polémica.

Quer dizer: para além da sua colaboração na «*Tribuna Livre*» de «*A Voz*» a presença doutrinária de Alfredo Pimenta era sempre motivo de discussão que não raras vezes desandava em polémica. Lembremos que eram os primeiros anos de guerra e que estes anos primeiros eram vividos intensamente. Daí que uma polémica logo desse lugar a outra até porque o corpo doutrinário e crítico de «*Mestres do Pensamento*» era obviamente polémico ou polemicante. Ora esta conferência era a primeira de duas que o seu autor proferiria em Braga e nela se referia já então a alguns amigos da cidade, ou lá viventes, que tinham decidido da sua aceitação do convite endereçado pelo Ateneu Comercial de Braga: o Dr. Francisco Sá Tinoco, advogado, António Álvaro Dória, professor e historiador já então consagrado, e Manuel Araújo, jornalista.

É preciso ter em conta a efervescência da época e os processos, por vezes usados, para com a actividade literária de Alfredo Pimenta, para adivinharmos ou compreendermos os ódios e devoções que ele veio a ter à sua volta. As polémicas, mais ou menos alongadas, sucediam-se e ele sempre com leitores, com amigos e inimigos. Lembro-me, aqui, de uma polémica da mesma década com Carlos Olavo a propósito de João das Regras, figura histórica que ele biografara e que determinara a discussão que então se processou nas colunas, também, da «*Acção*» e da «*Seara Nova*». Fora uma polémica magistral e os mais novos e mais aguerridos, claro está, pendiam para o lado de Alfredo Pimenta pelos conhecimentos da matéria em questão que revelava e pelo tom aguerrido que dava aos artigos que assinava. Portanto essa juventude acorreu às salas do Ateneu de Braga para escutar o seu guia mental e intelectual, esclarecida que estava sobre o orador que ia ouvir.

Por outro lado, quando se lhe anunciou que Alfredo Pimenta iria à «*Sala Salazar*» da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, imediatamente deu o seu concurso e a sua presença, seguindo de Braga para o Porto numas duas camionetas alugadas por subscrição! Era o segundo contacto da nova geração bracarense com o autor de «*Elementos de História de Portugal*» (pelos quais estudara) e nós aguardávamos a sua palavra, sabendo de antemão que tinham pretendido amordaçar o nosso «*Mestre*» nas colunas da «*Acção*». Isso nos dava raiva e nos dava satisfação pela nova oportunidade sucedida. Mas, atenção. Nisto nada tiveram que ver os referidos bracarenses do «*Grupo dos Amigos de Braga*»! Independentes, fizemos a subscrição, e, independentes e por nossa livre e espontânea vontade, fomos, para o Porto na

maioria dos casos sem sequer ter jantado e sem dinheiro para ali o poder fazer!

A noite de 31 de Outubro de 1941 ficou para nós memorável. Foi aí que escutámos a monumental peça de doutrinação oral que se chama «*Palavras à Juventude*». Apresentou o orador o Dr. António Saldida, finalista de Medicina na Universidade do Porto. Depois tudo se tentou para sabotar a conferência, sem nenhum resultado. E, ao par disso, escutavamos uma peça oratória e doutrinária de alto gabarito com o poder de comunicação que só vi, em intelectuais portugueses, no carisma de Alfredo Pimenta. Para nós foi uma noite inolvidável! Ainda hoje.

Mas, até esta noite, eu escutara duas conferências de Alfredo Pimenta. Lia-o semanalmente à sexta-feira na «Tribuna Livre» de «*A Voz*»; lia-o, de vez enquanto, no folhetim «Cultura Portuguesa Cultura Estrangeira» do «*Diário de Notícias*»; lera-o na polémica com Salvador Dias Arnault — *Ladeira ou ladera* — na revista «*Estudos*» do C.A.D.C.; lia-o na «*Acção*» e pouco mais do que isto, além dos livros que dele conseguia e coleccionava, avaramente. Mas não o conhecia.

Ora esse conhecimento viria a dar-se no dia 26 de Outubro de 1942, quase um ano depois desta citada conferência, e isso deveu-se ao grupo dos «Amigos de Braga». Efectivamente é por intermédio do Dr. Cerqueira Gomes e de Manuel de Araújo que eu sou levado à Madre de Deus, de Guimarães, casa onde Alfredo Pimenta descansava em férias. Lá iam o dr. Cerqueira Gomes, e Manuel de Araújo convidá-lo para um dos tais jantares de convívio e com eles ia outro jovem comigo: José Moreira, hoje editor da «*Pax*», de Braga. Connosco iam o Dr. Sérgio da Silva Pinto, Adalberto Feio e Carlos Maria Vessadas Salazar Moraes de Campos. Depois, em Guimarães, Manuel Araújo chamaria ao grupo Manuel Alves de Oliveira e na casa da Madre de Deus, estaria Francisco Martins da Costa (Aldão) e sua esposa. Aldão era casado com uma senhora belga e o primeiro pedido de Alfredo Pimenta foi que diante dela não se falasse de guerra dada a especial situação da Bélgica, ocupada pelos exércitos alemães. Assim se fez. Foi um largo encontro que me deixou verdadeiramente estarecido com a presença humana e cultural de Alfredo Pimenta. Era carinhoso e de mim quisera saber tudo: o que lia, para que estudava, os meus autores favoritos, o que pensava das coisas e dos professores e dos livros de ensino. Tudo! Eu, pobre de mim, era um adolescente ávido de tudo, mas sobretudo de comunhão

humana, e ver aquele grande intelectual ocupar-se de mim como se fosse eu alguém, deixou-me estarecido como já me tinham deixado as duas conferências que dele escutara! Essa tarde decidiu para sempre da amizade que lhe devotei e que lhe devoto, mesmo depois de ter morrido para o mundo dos vivos. Que não para mim, pois o tenho sempre presente na minha memória e na minha saudade.

Pois nessa tarde ficou decidido que iria ao referido jantar de amizade e de convívio, jantar que passaria a acompanhar anualmente, até ao derradeiro encontro no norte, em Guimarães. Passei, também eu, a fazer parte do «Grupo dos Amigos de Braga», ao lado de pessoas mais velhas e mais importantes do que eu, no princípio simples dum universitário. E se me deito a recordar os meus companheiros, além dos anteriormente referidos, recordarei os nomes do Dr. Henrique Cabral, Dr. António Pestana, Dr. António Vilas-Boas e Alvim, Dr. Carlos Ramos Fernandes, Alberto Jorge de Matos e muitos mais que a minha memória não fixou.

A este grupo se fica a dever a edição de «*Em Defesa da Portugalidade*» — *palavras proferidas na noite de 11 de Outubro de 1947* — e editadas pelos que as ouviram e aplaudiram. É mais uma conferência doutrinária que se fica devendo ao grupo e se fica devendo à acção e amizade dos *amigos de Braga*, como Alfredo Pimenta os baptizou. De resto esta aproximação divulgou e difundiu esta estranha personalidade dentro dos mais novos e até junto daqueles menos chegados a locubrações intelectuais. Alfredo Pimenta irradiava uma tal simpatia que não se lhe podia fugir uma vez contactado!

Mas não seriam estas as últimas palavras que Braga e os de Braga lhe escutariam. Essas palavras que haviam de ser proferidas no ano da sua morte, intitulam-se «*Guerra Junqueiro*» e foram motivo de uma conferência proferida no salão nobre dos Paços do Concelho, a solícito convite de António Maria Santos da Cunha e incluídas na acção cultural que a Câmara levava a efeito. Apresentou-o, nessa conferência, o dr. Sérgio da Silva Pinto e nela o escritor, já cansado, quase a prenunciar a morte que se avizinhava, deu aos seus ouvintes, admiradores e amigos a última grande lição de um autêntico Mestre de Pensamento. Isto ocorreu na noite de 13 de Março e estava integrada no I Ciclo de Conferências que o Município Bracarense promoveu, como afirmei, em 1950.

Outras cidades o terão amado e escutado mais do que as duas vezes que ele falou em Braga, em dois temas fundamentais para a cultura geral da mentalidade portuguesa. Outros locais teriam mais difusão. Mas Alfredo Pimenta preferiu ou optou por Braga. Porquê? É bastante fácil responder a esta pergunta, sobretudo a quem tenha lido a obra do autor inconfundível dos *«Estudos Filosóficos e Críticos»*. Pois quem a leu de fio a pavio como eu o fiz, encontrará no volume *«Mestres do Pensamento»* duas ou três páginas da meninice e da juventude de Alfredo Pimenta decorridas em Braga. São saborosas e de uma ternura e de um amor à terra estranha em que foi habitar de tenra idade que a cidade de Braga lhe ficou taxisada, para sempre, na sensibilidade e na alma. Vale a pena reler essas páginas. E para os que não as conheçam, ou não as tenham escutado, aqui as deixo como testemunho de gratidão de um dos *amigos de Braga* que muito o admirou e muito o amou e que sempre o teve como Mestre tendo-o posteriormente como amigo cuja amizade não teve nem a réstea de uma sombra.

Chamo, pois, a atenção para a transcrição que se segue:

«Fecho os olhos — e retrocedo cinquenta e dois ou cinquenta e três anos, mais de meio século. No horizonte cinzento e mudo, vejo certa madrugada invernosa e áspera...

Acordaram-me; arranjaram-me; e numa caleche por onde a chuva escorria, vejo-me a caminho de Braga, com meus Pais.

Agora, aí vou eu, de calção pelo joelho, rua de S. Victor fóra, passar ao lado do largo da Senhora-a-Branca, e desandar para a rua de Santa Margarida. Vou de criada ao lado, como menino que os Pais estimam. Dirijo-me ao Colégio do Espírito Santo, a continuar os meus estudos de Instrução primária, iniciados noutra colégio que se chamava... — já não sei como se chamava, mas ficava junto, ou quási junto, da mata do Colégio do Espírito Santo.

É curioso: desse primeiro colégio, só uma recordação me resta — a do nome do porteiro: Bento. E lembro-me dêle, porque nós, os catraios de sete anos, achavamos imensa graça quando, em vez de «senhor Bento», dizíamos: «Se Bento!» Como nós riamos!

Se o tufão revolucionário não queimou ou mutilou os livros de matrícula do Colégio do Espírito Santo relativos a essa época, lá se encontrará o meu inutil nome, nome tão vasio, então, de significado, como, hoje, despido de virtudes ou qualidades que o imponham.

Sofri muito nesse colégio. Até uma crise moral, de que me ficaram rugas fundas na memória. Deixemos isso...

Eu fôra, no primeiro colégio, menino prodígio. E até fizera, pelo que reza a tradição, lindo exame de primeiro grau — onde só me atrapalhei, ao mandarem-me dizer a Salvé Rainha...

Pois não sei que foi que me deu, que quando entrei no Colégio do Espírito Santo, e me vi no ambiente severo das altas paredes daquela casa, sob uma disciplina rígida e fria que eu desconhecia — tudo se me varreu da memória, e eu assistia, de olhos pasmados, como auzente de tudo, aos trabalhos escolares.

E regresssei ao primeiro grau...

Não sei que foi isso — porque, voltando para Guimarães e confiado, no então incipiente colégio de S. Nicolau, aos cuidados de Mestre Abílio — um santo homem que tomava rapé e usava lenço tabaqueiro, logo me distanciei dos meus condiscipulos, e fui escolhido, com outro, entre três dezenas deles ou mais, para receber, em representação do colégio, o prémio dêsse ano de 1892-1893, na Sociedade de Martins Sarmiento (Revista de Guimarães, tomo X, pág. 127).

Fui sempre muito difícil de manejar — e pela fôrça ninguém me leva.

Pois no Colégio do Espírito Santo, voltei para o primeiro grau...

Castigos, tive-os de toda a ordem: desde os beijos mordazes da Santa Luzia de cinco olhos que um padre antipático manejava a primôr, e me deixavam as pequeninas mãos inchadas e em labaredas, à penitência mortificadora de, durante os recreios, decorar quinze ou vinte linhas de qualquer trecho da Selecta.

Que suplicio infernal! A atenção despertada pelo ruído alacre dos companheiros à solta, como podia eu decorar as quinze ou vinte linhas que me eram impostas?

Vegetei nesse colégio, um ano...

Lembro-me das novenas de Maio, numa capela muito bonita, com cheiro a açucenas.

Lembro-me de ter apanhado com uma bilharda na testa e me terem levado, por corredores extensos e lageados à enfermaria. No caminho, encontramos o Padre Director, que eu nunca vira, e nunca mais tornei a ver. Beijei-lhe a mão...

Dos padres que lidaram comigo, lembro-me dum, piqueno, magro, vivo, muito simpático — o sr. Padre Fonseca...

Nunca mais soube dele.

Lembro-me das disputas entre estudantes, as sabatinas clássicas, em que os vencedores arrebatavam para os conservar até serem vencidos, os símbolos da vitória, creio que bandeiras.

Lembro-me de que me sentia vencido, entediado, naufragado — cada vez mais para traz, a despeito dos beijos mordazes de Santa Luzia, e da penitência mortificadora dos trechos da Selecta.

E do colégio não retenho mais nada.

Creio que estive dois anos em Braga — vivendo, durante êles, à sombra de S. Victor — primeiro, junto à Igreja; depois, noutra casa mais afastada.

Recordo-me de ver por detrás das janelas molhadas da chuva, um bando de estudantes do Liceu, as capas estendidas, a angariar donativos para a Defesa nacional por ocasião do Ultimatum que a Inglaterra, a nossa amiga de sempre! acabara de nos enviar, e agora, se pretende que foi memorandum inocente, de que só nós tivemos a culpa... Como se o Mapa côr de rosa não fôsse o nosso direito, e a Africa não tivesse sido conquistada por nós...

Lembro-me ainda duma sova mestra que apanhei, em casa, à hora da merenda. Eu vinha do colégio, e meu irmão, da mestra. Havia americanos para o Bom Jesus, puxados por máquina.

Para que me havia de dar? Para tourear a máquina. Escarrapachado entre os rails, aguardava o bicho encarvoado. A criada deu-me um safanão; mas meu irmão foi-me substituir no brinquedo. Safanão criadal em meu irmão, e volto eu para a linha. A máquina avançava. Empurrão e grito da moça. A máquina passou...

Chegamos a casa e a serva naturalmente contou o caso.

Pai da vida! A merenda começou pelo ajuste de contas.

A minha pobre Mãe deu, deu, deu, com uma escôva de fato, até não poder mais. Fez o que devia. Mas se a máquina me tivesse levado, V.^{as} Ex.^{as} não estariam aqui neste momento, e não se tinha perdido grande coisa...

Foi, aqui, em Braga, que o meu querido Pai me castigou a primeira e a única vez, na sua vida. Comprara-me um livro, — creio que de leitura. E nesse mesmo dia o perdi. O Pai, para me ensinar a reflectir, pegou-me numa orelha, e fez-me passear duas vezes em redor da mesa de jantar. Tanta impressão me fez o castigo, que caí de cama, doente...

Lembro-me das festas de S. João — com um S. Cristovão possante espedado no meio do rio, e um Rei David, a dançar, de manto e corôa, ali, ao lado da Arcada...

E factos históricos que assinalem a minha passagem por Braga, ha cincoenta e dois anos, não lembro mais nenhum.

Dessa minha passagem por aqui, há uma fotografia: ao lado

de meu irmão, exhibo-me, calçado numas botas que parecem dois barcos rabelos, ou fragatas, e de livro debaixo do braço!

Senhor Deus! Naquela idade, já a sobraçar um livro, como que a dizer à posteridade: ... «Aqui me tens!»

Deixamos Braga, onde voltei dois ou três anos depois, num outubro, para fazer exame de francês, no Liceu.

É, tudo isto, como se vê, motivo suficiente, para eu sentir uma espécie de ternura por esta terra, de certo modo ligada a momentos da minha desventurada infância».

Amândio César